



PAPO EM REDE

DIÁLOGOS QUE GERAM TRANSFORMAÇÃO

Economia de Francisco e o Sínodo para a Amazônia

Diálogos sobre uma outra economia possível foi o tema da primeira edição deste ano.

Covid-19 e Ecologia Integral

A relação entre o cuidado com a casa comum e os impactos da pandemia do coronavírus.

5 anos da Laudato Si'

Avanços e conquistas da encíclica do Papa Francisco sobre o cuidado com a nossa casa comum.



Comissão Episcopal para a
Amazônia



REPAM
REDE ECLESIAL PANAMAZÔNICA
BRASIL

Diálogos que geram transformação



6

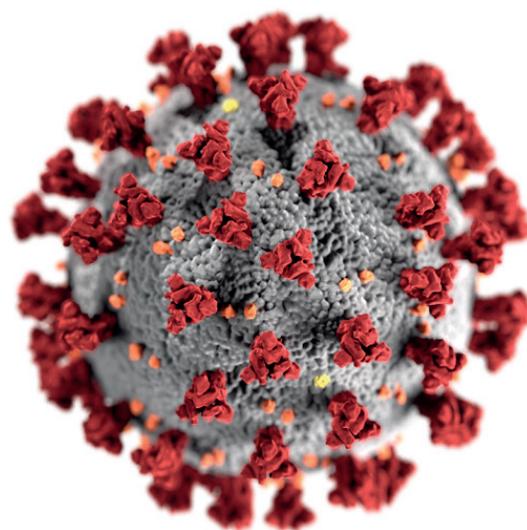
Economia de Francisco e o Sínodo para a Amazônia

Refletir sobre a relação entre a Economia de Francisco e o Sínodo para a Amazônia em busca de novos caminhos e convergências foi o tema da reflexão do Papo em Rede, realizado no dia 19 de fevereiro.

11

Covid-19 e Ecologia Integral: desafios e perspectivas

A relação entre a Covid-19 e a Ecologia Integral, bem como os desafios e as perspectivas que este cenário apresenta é o tema da segunda edição do Papo em Rede de 2020. Por causa da pandemia, o projeto não pode ser realizado presencialmente e foi conduzido virtualmente pela plataforma Teams, dia 23 de abril.



14

5 anos da Laudato Si': avanços e conquistas

A terceira edição do Papo em Rede de 2020, também realizado de forma virtual, fez parte das comemorações pelos 5 anos da Encíclica do Papa Francisco, a Laudato Si'. Realizado no dia 21 de maio, a atividade reuniu dezenas de participantes para avaliar os avanços e as conquistas do documento que apresenta um dos discursos mais fortes de Francisco.



EXPEDIENTE

Rede Eclesial Pan-Amazônica/REPAM-Brasil

Presidente – Cardeal Cláudio Hummes

Coordenador nacional- Dom Erwin Krautler

Diretora executiva – Ir. Maria Irene Lopes dos Santos

Tesoureiro – Pe. Nereudo Freire Henrique

Analista de Projetos Sociais – Arlete Gomes dos Santos

Coordenador de articulação: Leon Souza

Assessor de Imprensa – Paulo Martins

Assistente Administrativa/Financeira – Denyse Saboia Leite de Castro

Revista Papo em Rede

Ano 2 - Edição 01 - Junho de 2020

Publicação Digital

Projeto Gráfico: Tewecka Design – Free Download at Adobe Stock

Redação e diagramação: Paulo Martins

Contato

www.repam.org.br

comunicacao@repam.org.br

61 3447 4117

Apoio: Fastenopfer

Apresentação

Criado com a proposta de possibilitar diálogos entre instituições eclesiais, organizações sociais e poder público, o Papo em Rede: Diálogos que geram transformação é um projeto que pretende ser um canal de incidência da REPAM, buscando pautar, junto a diversos atores, temas que relacionados à Amazônia ou que impactem diretamente na realidade daquele território.

Neste sentido, por meio de rodas de conversas busca-se, com os envolvidos em cada atividade, olhar para a realidade e refletir sobre ela construindo sinergias para uma atuação que, de fato, a transforme.

Nos cinco primeiros meses de 2020 foram realizadas três edições do Papo em Rede. Uma delas foi presencial e as outras duas de forma virtual, por causa dos impactos da pandemia do novo coronavírus. Os diálogos, portanto, mesmo diante da realidade de distanciamento, foram realizados com êxito e garantido participações de outras realidades que presencialmente não teria sido possível.

A primeira edição deste ano, em fevereiro, discutiu-se sobre a Economia de Francisco e o Sínodo para a Amazônia, a partir das possibilidades de se vislumbrar um outro caminho que reconheça as práticas que geram vida e não prejudiquem o planeta. Em abril, na segunda edição, frente a crise da Covid-19 e seu crescimento na Amazônia e junto aos povos tradicionais, olhamos para a relação da pandemia com a Ecologia Integral. Por último, no mês de maio, celebramos os 5 anos da Laudato Si' e avaliamos os avanços e conquistas que a encíclica do Papa Francisco proporcionou, com destaque para a Amazônia.



Apoio



FASTENOPFER



Comissão Episcopal para a

Amazônia

Realização



REPAM

REDE ECLESIAL PANAMAZÔNICA
BRASIL



Economia de Francisco e o Sínodo para a Amazônia

Refletir sobre a relação entre a Economia de Francisco e o Sínodo para a Amazônia em busca de novos caminhos e convergências foi o tema da reflexão do Papo em Rede, realizado no dia 19 de fevereiro.

Organizações da sociedade civil e instituições eclesiais participaram da conversa que reuniu cerca de 30 participantes. Uma das convidadas para a animação do Papo, Marcela Vieira, assessora nacional de Economia Popular Solidária da Cáritas Brasileira, destacou a importância de não apenas discutir a economia de Francisco, mas também articular com a proposta de Clara.

Economia de Francisco

O papa Francisco reunirá, na cidade de São Francisco de Assis, na Itália, jovens com menos de 35 anos envolvidos no âmbito da pesquisa (estudantes e acadêmicos em Economia e outras disciplinas afins, estudantes de Mestrado, Doutorado, jovens pesquisadores) e também de empresas, empresários e dirigentes. A proposta é de se fazer um pacto com os jovens – para além diferenças de crença e nacionalidade – para mudar a economia atual e dar uma alma para aquela do amanhã, para que seja mais justa, sustentável e com um novo protagonismo de quem hoje é excluído. O evento que seria realizado em abril deste ano, foi adiado por causa da pandemia do novo coronavírus.

Sínodo para a Amazônia

Convocado em outubro de 2017 pelo papa Francisco, o Sínodo teve seu ponto alto em outubro de 2019 com a realização da Assembleia Sinodal, em Roma. Ao final da atividade em outubro do ano passado os participantes da assembleia entregaram a Francisco o Documento Final com as reflexões realizadas naquele período, em estreito diálogo com as escutas dos territórios. No dia 12 de fevereiro deste ano, o papa divulgou a Exortação Apostólica “Querida Amazônia”, em que dialoga com as questões levantadas pelo Sínodo e apresenta os sonhos que tem para a Amazônia.



Expositores

Júlio Miragaya, membro do Conselho Federal de Economia/COFECON.

Marcela Vieira, assessora nacional de Economia Popular Solidária da Cáritas Brasileira.

Leon Souza, coordenador de articulação da REPAM-Brasil que representará a Rede no encontro da Economia de Francisco.

A ECONOMIA SOLIDÁRIA E SUA RELAÇÃO DE VIDA COM A AMAZÔNIA

ARTIGO | Marcela Vieira

Tal como afirma Boaventura de Sousa Santos (2004), “o nosso tempo é um tempo paradoxal”. Se por um lado, temos os instrumentos necessários para que haja igualdade, solidariedade, liberdade e paz, o fato é que parece que essas verdades nunca estiveram tão longe de serem reais.

Por outro lado, os meios de comunicação pró-governo reafirmam que a economia de mercado baseia-se na autoregulação do próprio de todos, e que a concorrência é o melhor modo de relação entre os atores sociais.

Estamos agradecidas enquanto economistas e militantes no campo da economia solidária, ao nos depararmos com essa ousadia e profetismo por parte do Papa Francisco, em desafiar os jovens economistas do planeta a se reunirem em 2020 na cidade de Assis/Itália, para dialogarem acerca da economia de Francisco.

Ficamos mais felizes, enquanto mulheres que vivenciam diuturnamente os processos econômicos sejam eles no contexto doméstico ou nas atividades produtivas, ao saber que a nossa delegação brasileira, incluiu a presença de Santa Clara nesta construção. Assim, a delegação brasileira tem refletido sobre a economia de Francisco e Clara, trazendo a presença feminina para re-amar o sistema econômico do planeta.

Considerando o nosso campo de atuação com a economia solidária, que vem se reafirmando e resistindo como contraposição ao modelo capitalista desenvolvimentista, tendo um enorme desafio de agir por dentro do capitalismo, desencadeando o desenvolvimento humano e solidário. No entanto, faz-se necessário que a economia

solidária atue de forma mais direta em oposição ao sistema capitalista, como na consolidação de um poder político e econômico. Neste sentido, o movimento de economia solidária, com apoio de parlamentares, vem conseguindo avanços significativos, entre eles: a aprovação da PEC 69/2019 referente à inclusão da economia solidária, acrescentando no inciso X ao artigo nº 170 da Constituição Federal para incluir entre os princípios da ordem econômica do país, a tramitação do Projeto de Lei 6606/2019 que pauta a regulamentação da Política Nacional de Economia Solidária e a manutenção do Conselho Nacional de Economia Solidária, fruto da luta do Fórum Brasileiro de Economia Solidária e das entidades de apoio e fomento, conjuntamente com os demais apoiadores.

Fazendo um recorte regional, deslocando nosso olhar para a região Amazônia, temos aí uma biodiversidade que representa cerca de 6% de tudo que a ciência conhece em toda a terra. Como é de conhecimento de todos, a Amazônia ajuda a manter o equilíbrio do clima em todo o planeta e seu valor é incalculável. O maior estoque de água doce que temos notícia, ou seja, um potencial hídrico enorme, recursos florestais abundantes, minerais preciosos, combustíveis fósseis, todo esse potencial, faz da Amazônia uma fronteira com perspectiva de grande desenvolvimento, mas com fortes pressões econômicas e impactos sociais e ambientais.

Como temos visto e ouvido por parte do atual governo, os próximos 20 anos trarão grandes consequências para Amazônia, pois serão realizados grandes investimentos em infraestrutura, mineração e energia. Neste sentido, inquieta-nos pensar sobre

os processos de ocupação que podem gerar prejuízos ambientais e conflitos sociais, mas também poderá surgir oportunidades para região conseguir conciliar essa fase de ocupação com o desenvolvimento mais sustentável, com proteção dos direitos das comunidades e a manutenção dos estoques de recursos naturais.

No entanto, observando as políticas desenvolvimentistas predatórias que defendem os interesses do grande capital econômica e degrada o meio ambiente, somos desafiados a refletir que precisaremos de fato fazer um olhar diferenciado para os biomas entre eles o Amazônico.

Olhando pelo aspecto dos desafios, pensar como construir um novo modelo de “desenvolvimento sustentável solidário e plural” para a região amazônica é o que nos interessa. Neste sentido, temos vivenciado nas ações que a Cáritas Brasileira realiza, por meio da sua rede viva, por meio dos escritórios regionais e entidades membros, as micros revoluções. Nas escutas dos relatos das comunidades ribeirinhas, quando estas fortalecem os diálogos em rede, compartilhando os barcos para o escoamento dos produtos e que estes cheguem aos mercados e feiras locais; quando as mulheres e jovens se organizam nos empreendimentos produtivos, para obterem renda por meio da comercialização de seus produtos nas feiras de economia solidária; ou então quando a comunidade quilombola se reúne para fazer resistência ao desmatamento para evitar que a “linha” que conduz energia para empresas recorte suas terras ancestrais. Essa outra economia acontece!

No entanto nos preocupa quanto às comunidades tradicionais são “assedeadas” pelas grandes empresas que buscam os conhecimentos tradicionais para explorar a produção em grande escala daquilo que somente no solo amazônico produz. Os financiamentos são voltados para um modelo de desenvolvimento que tem causado grandes impactos e que, muitas vezes, não tem trazido para a própria região os benefícios esperados, como é o caso da instalação das hidrelétricas que afetam os ribeirinhos e os povos indígenas em sua maioria.

É preciso que se construa uma visão conjunta, compartilhada para que seja possível enfrentar os desafios que estão colocados hoje para Amazônia, os processos de avanço indiscriminado da infraestrutura, o impacto do desmatamento, das mudanças climáticas, os impactos sobre

as populações tradicionais, sobre os recursos naturais.

Destacamos que o aumento crescente dos processos migratórios é outro fator que impacta diretamente no crescimento populacional desenfreado.

Frente a este contexto, é preciso que se faça um olhar diferenciado para o que se pretende enquanto desenvolvimento regional ou como diz Alberto Acosta, uma outra proposta que não seja o desenvolvimento, mas que faça o uso sustentável da biodiversidade, do patrimônio genético e de toda riqueza que poderá trazer benefícios reais para as comunidades tradicionais, em especial das mulheres que resistem em manter a floresta em pé, que não se curvam ao interesse das empresas mineradoras com suas propostas encantadoras.

Uma economia viva, uma economia do cuidado, solidária e da preservação, ou uma bioeconomia que avalie e desencadeie o uso sustentável dos recursos naturais e valorize as pessoas e seus saberes ancestrais.

Lamentavelmente, os nossos governos não investem em pesquisas e vivem reproduzindo na região os modelos falidos de exploração e degradação da vida e da espécie. Existe uma incapacidade dos governos das empresas e até da sociedade em compreender que é possível proteger, conservar, conviver fazendo uso sustentável do capital natural existente na Amazônia.

Marcela Vieira é sressora nacional de Economia Popular Solidária da Cáritas Brasileira



CUIDAR DA CASA COMUM

GESTAR A CASA COMUM

GOVERNAR A CASA COMUM

ARTIGO | Leon Souza

Quero iniciar com estes três verbos: cuidar, gestar e governar. Faço isso porque antes de qualquer teoria sobre economia quero voltar à palavra, a sua etimologia. Num tempo em que as palavras são capturadas para promover a cultura do descarte e da violência, inclusive a própria economia, precisamos voltar ao significado primeiro das palavras.

ECONOMIA. OIKONOMIA. Do grego, Oikos – nomein: O governo da casa, a administração dos bens da casa, a forma de gerir a casa.

Quero aqui, mesmo sabendo da impossibilidade de convergência única desses verbos, falar do cuidado. O cuidado com a casa comum. A economia como forma concreta de cuidado com a casa comum, com a distribuição dos bens, com a promoção de vida para todos os membros da casa.

Portanto, basta um olhar para a intencionalidade, o tempo e o lugar deste primeiro evento “Economia da Francisco e Clara” para perceber que “tudo está interligado”. Economia, ecologia, Amazônia, juventudes. Francisco, Clara, os pobres.

Na Encíclica Laudato Si, inspirado em São Francisco de Assis, o Papa Francisco identifica com profecia as causas das diversas violências contra a casa comum. Cito:

“a relação íntima entre os pobres e a fragilidade do planeta, a convicção de que tudo está estreitamente interligado no mundo, a crítica do novo paradigma e das formas de poder que derivam da tecnologia, o convite a procurar outras maneiras de entender a economia e o progresso, o valor próprio de cada criatura, o sentido humano da ecologia, a necessidade de debates sinceros e honestos, a grave responsabilidade da política internacional e local, a cultura do descarte e a proposta dum novo estilo de vida.” (LS, 6).

A narrativa sobre economia que me recordo ouvir desde a infância é sobre moedas, mercado, dólares, bolsa de valores, grandes empresas, lucro. Para quem? Para que o “Brasil” desenvolva, para o nosso progresso.

Em nome do desenvolvimento e do progresso, a gestão da casa comum concentrou-se nas mãos de poucos para o desenvolvimento e progresso de poucos. Sem compromisso com a casa comum, violam-se direitos e desfiguram-se políticas de cuidado. A economia atrelada às grandes corporações em vista do progresso, ilumina o farol do desenvolvimento. Um desenvolvimento que nunca chega para os pobres da Terra. Ele está lá distante, sempre. E é preciso que os empobrecidos e empobrecidas sacrifiquem-se sempre no caminho dessa farol que nunca chega.

Não sei se a economia capturou a tecnologia ou se a tecnologia capturou a economia, mas também essa aliança tecnológica-econômica em nome do desenvolvimento descarta tudo o que não cabe no modelo imediatista (o Papa recorda isso na Laudato Si, n.54) e classifica como selvagem e atrasado quem não se insere na tecnocracia.

Aqui estão os tempos dos povos da Amazônia, o ritmo das florestas e das cidades, as formas tradicionais de vida. Não cabem no modelo atual justamente porque respeitam o tempo, porque cuidam da casa, gastam a vida para isso. E não apenas a vida humana, mas todas as formas, incluindo suas crenças, a espiritualidade, os ritos, as festas.

Lamentavelmente os esforços superficiais de “responsabilidade socioambiental” das empresas, no caso da Amazônia, servem apenas para “limpar a barra”, para tornar verde os projetos de ocupação violenta



dos territórios. As comunidades são consideradas estatísticas, números: XX indígenas, XX ribeirinhos, XX crianças.

Para a lógica econômica do grande mercado, os números dão conta de tudo, porque apenas se administra, mas não cuida. Para os povos da Amazônia, o tempo é outro, as economias são outras. Mas a lógica consumista do ser humano, das relações e dos recursos tende a homogeneizar (e isso o Papa Francisco recorda outra vez na Exortação Querida Amazônia) a potência da vida que pulsa nas e entre as comunidades tradicionais, tudo em nome de uma economia do lucro e da ganância.

Há que se voltar para o cuidado da casa, para os gestos de zelo, compromisso e atenção para com a casa comum. E nisso, são os pobres da terra, são as comunidades da Amazônia e de outras periferias do mundo que podem nos ensinar. Não são as intervenções tecnicistas ou narrativas uniformes que vão nos encaminhar para tempos de mais vida.

São os empobrecidos e empobrecidas. Por isso vamos à Assis, o lugar do cuidado com os pobres e com a criação. O lugar da conversão de dois jovens, Francisco e Clara, que mesmo possuindo tanto, escolheram o caminho da partilha, da solidariedade e do cuidado.

Francisco, na Igrejinha de São Damião escutou a mensagem de Deus no Crucifixo: “Vai e reconstrói a minha casa que está em ruínas”. Hoje o chamado é para reconstruir a casa comum, cuidar do mundo que está em ruínas.

Converteram-se (Francisco e Clara) não para “qualidade de vida”, como entendemos hoje na lógica o “bem estar”, mas para promover a vida dos que estavam sofrendo, para cuidar da criação. Por isso, a conversão a que somos chamados nesta Economia

de Francisco e Clara é a do Bem Viver, a que respeita, reconhece e cuida de todas as vidas da casa comum, humanas e não humanas, dos símbolos e hábitos de cada povo, como também recorda o Papa na Laudato Si, n. 144.

São passos possíveis os que nos tem ensinado as comunidades da Amazônia, os empobrecidos das periferias do mundo, as mulheres, as juventudes. São passos para “Realmar” a economia, como deseja o Papa Francisco. Colocar alma na economia significa cuidar das relações que estabelecemos nessa casa comum.

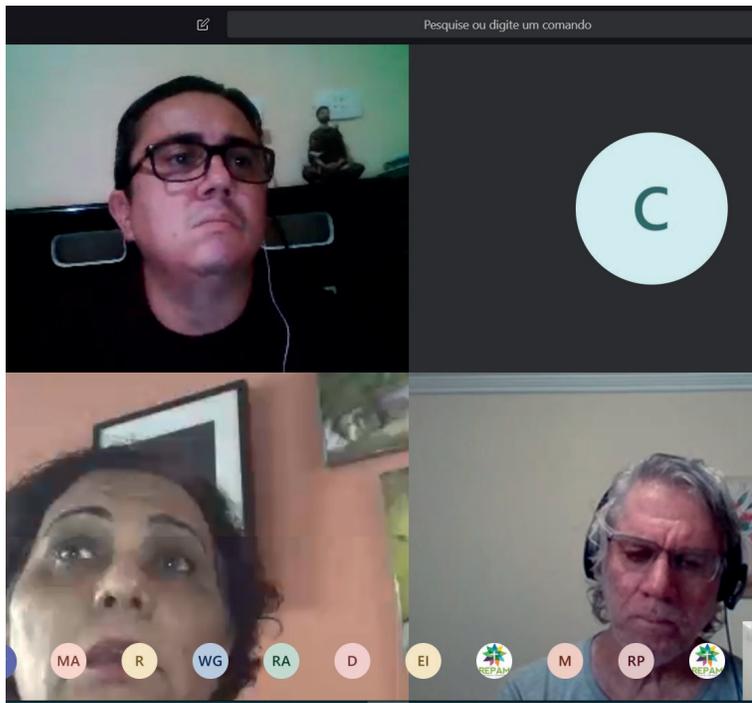
Estão violentadas, foram capturadas em nome do lucro e da economia globalizada.

Os pequenos, nos mais variados lugares do mundo, podem nos ensinar como se cuida da casa, como se distribuem os bens, como se partilham o pão e os frutos.

O tempo é, portanto, de voltar às raízes, não por saudosismo ou romantismo, mas para reencontrar o sentido das palavras e de outras formas de linguagens que nomeiam o mundo, dão significado para as coisas. É, acima de tudo, reencontrar o sentido das relações, da intencionalidade de cada ser.

Realmar a economia. É urgente voltar ao seu sentido primeiro: cuidar da casa para que todas e todos tenham vida em plenitude.

Leon Souza é cientista social, coordenador de articulação da REPAM-Brasil.



Covid-19 e Ecologia Integral: desafios e perspectivas

A relação entre a Covid-19 e a Ecologia Integral, bem como os desafios e as perspectivas que este cenário apresenta é o tema da segunda edição do Papo em Rede de 2020. Por causa da pandemia, o projeto não pode ser realizado presencialmente e foi conduzido virtualmente pela plataforma Teams, dia 23 de abril. Participaram da atividade pessoas das mais diferentes regiões do Brasil, entre especialistas, pastoralistas, professores universitários e organizações eclesiais e da sociedade civil.

Expositores

Ima Vieira, ecóloga e pesquisadora do Museu Goeldi.

Roberto Malvezzi, filósofo, teólogo e assessor da REPAM-Brasil.

ECOLOGIA INTEGRAL E A PANDEMIA DA COVID 19

Ima Vieira

A pandemia da COVID-19 está impactando todas as partes da sociedade humana. A destruição de habitats naturais somada ao rápido movimento de pessoas no planeta, facilitou a transmissão de doenças antes circunscritas à natureza distante, e esta é mais uma delas. As evidências científicas sobre os problemas sistêmicos que assolam o planeta podem nos ajudar a encontrar formas de reduzir nossa pressão sobre os sistemas naturais e implementar medidas que reduzam a nossa vulnerabilidade. Mas precisamos reinventar nossa relação com a Mãe Terra de modo a reduzir problemas sistêmicos que ameacem o bem-estar de todos. Essa reinvenção é um dos maiores desafios no presente. No caso da Amazônia, a questão é ainda mais complexa e urgente, pois há aqui uma alta diversidade social e uma população vulnerável que vive nas cidades que

preocupa e a rápida escalada da doença na região assusta – pois é onde a curva de crescimento da pandemia está mais acentuada. A doença já atinge até mesmo populações indígenas e muitos municípios, em áreas longínquas.

A Ecologia integral, a meu ver, é a única saída para um futuro menos perturbador. Por ecologia integral entendemos um olhar alargado sobre a natureza, bem como nas relações sociais. A proposta de uma ecologia integral do Papa Francisco vai além dos componentes técnicos, políticos, jurídicos e sociais. Ele enfatiza muito o aspecto educativo, que provoque “o desenvolvimento de novos hábitos nas pessoas e nos grupos humanos”. Como escalar e incorporar estratégias para alcançar uma mudança transformadora nos cristãos é o grande desafio.

“DEVEMOS NOS PREPARAR PARA DIAS MELHORES

ARTIGO | Roberto Malvezzi (Gogó)

Um vírus nem um ser vivo é, ou é apenas a forma mais econômica de vida que existe. Só se multiplica no corpo do hospedeiro. Ele sofre mutação para perpetuar-se. Como diz o personagem do filme Jurassic Park: “a vida sempre encontra um caminho”. É o poder da vida.

Brasil, hoje, tem 2.906 mortos por covid-19 e 45.757 casos confirmados.

No mundo 2,5 milhões de contaminados e cerca de 171 mil óbitos, 42 mil nos Estados Unidos.

Há vozes que pensam que nada mudará depois do coronavírus, diferentes do Papa Francisco. Um cientista francês já disse que não temos nada para aprender com os vírus, a não ser melhorar o cuidado com a saúde.

Entretanto, preferimos ficar com o Papa Francisco, porque a realidade dos fatos nos mostra que ele tem razão. Francisco na Laudato Si’ diz que cada forma de vida é uma mensagem de Deus, toda forma de vida tem sua mensagem. Qual a mensagem que o covid-19 nos envia?

Ela é trágica e ao mesmo tempo pedagógica. Papa Francisco nos disse, de forma um tanto enigmática, que “devemos nos preparar para dias melhores”. Como dias melhores, se o que vemos ao nosso redor são sinais de morte, tantos sofrimentos, luto e tantas mortes?

É que o sofrimento e a morte também fazem parte do processo da vida, mas não são a palavra final sobre a humanidade e a criação. Ninguém escapa deles, mas eles não decidem o nosso destino.

Então, eis alguns sinais de esperança, da

esperança real, não de uma fantasia, do que poderá vir depois da pandemia do coronavírus:

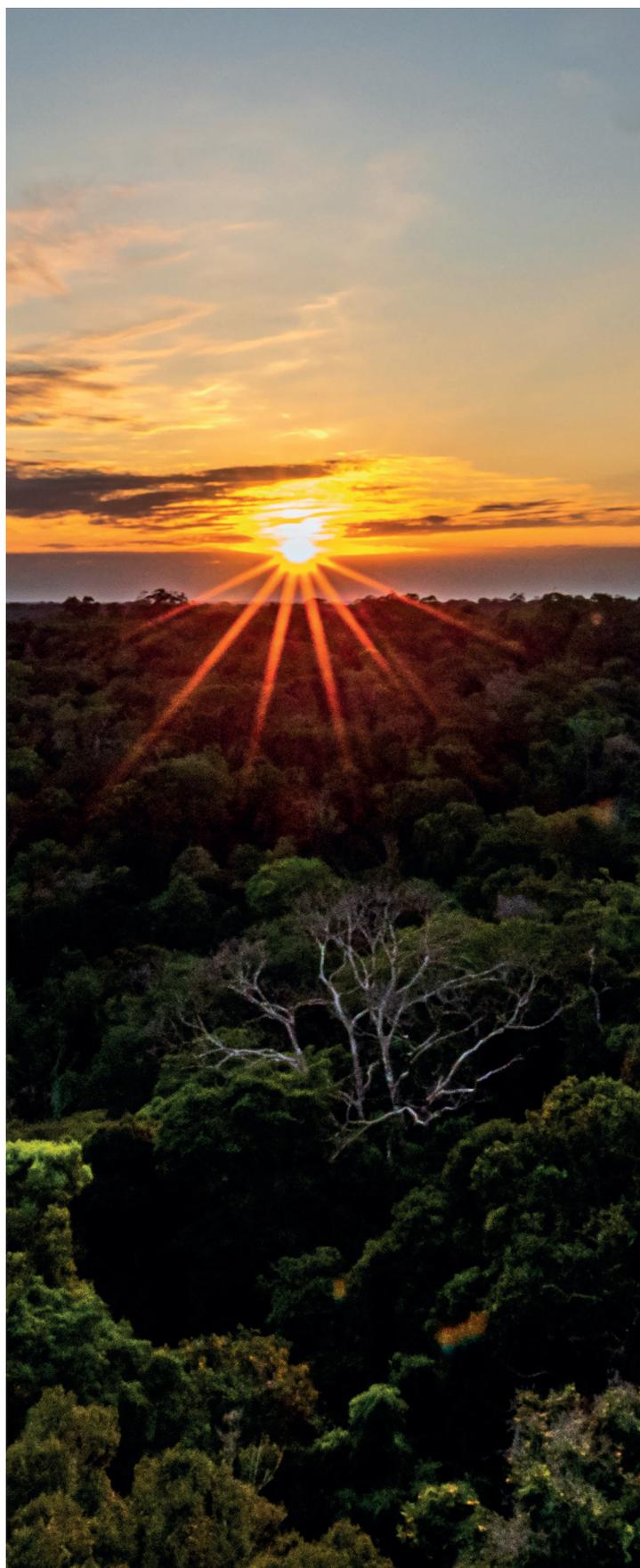
- Uma vida mais simples e menos consumista. A tal mudança no lifestyle como diz a Laudato Si’. Outro estilo de vida, fora da sociedade do descarte.
- Um cuidado com o planeta e todas as formas de vida, onde tudo e todos estão interligados
- Um cuidado com as pessoas mais fragilizadas, como idosos e doentes
- A valorização da convivência, com menos ativismos, revalorização da leitura, da meditação, da contemplação, da conversa em família e com amigos.
- A valorização da ciência e da tecnologia a serviço da humanidade e da vida, não como uma forma opressiva de dominação. O vírus nos ensinou a fragilidade do mundo baseado exclusivamente na tecnociência, mas também nos ensinou que sem ela a fragilidade humana na face da Terra é exponencialmente mais vulnerável. Portanto, valorizando a técnica e a ciência e rejeitando todo negacionismo.
- Os Movimentos Sociais falam em reforma agrária, produção de alimentos saudáveis e mais próximos dos consumidores, da agroecologia, do cuidado com a água, com o saneamento básico, com a captação da água de chuva e tudo que indica uma convivência mais irmã com a criação.
- Intensificar a crítica às monoculturas animais e vegetais por sua capacidade de produzir doenças e vírus: a gripe

aviária, a gripe suína, a doença da vaca louca, todas vieram da monocultura de animais em cativeiro.

- Intensificar a crítica e o combate ao desmatamento por empurrar os animais selvagens para perto dos seres humanos.
- O mesmo em relação ao tráfico de animais.
- Idem ao consumo de animais sem um padrão sanitário.
- Revalorização da saúde pública, da educação pública, dos investimentos públicos, do emprego com garantias, da renda básica, da necessidade de investimento do Estado em todos os setores, da preservação dos bens comuns como terra, água, florestas e ar....
- Revalorização da espiritualidade, da religião com valores humanísticos, da democracia, dos valores civilizatórios do respeito aos direitos humanos e aos direitos da natureza...
- Com menos consumo, menos aviões voando, menos carros nas ruas etc., caiu o valor do petróleo, o ar das grandes cidades está mais limpo, melhorou a qualidade da água dos rios e dos corpos d'água antes tão contaminados, e até os sismógrafos que medem as vibrações da Terra dizem que ela está mais calma. Então, a Terra nos diz que ela pode ser melhor tratada e o caminho das energias limpas pede passagem.

Enfim, podemos ir longe nas novas possibilidades. Entretanto, a disputa pelo que será o futuro já começou e há vezes que insistem em caminhar em linha reta, mesmo depois do Coronavírus, mesmo depois da pandemia. Porém, haverá muito mais vezes para se irmanar ao grito do Papa Francisco pedindo respeito pela Casa Comum e por todas as formas de vida que nela habitam.

Resta saber de qual lado cada um de nós estará e onde estará a maioria da humanidade.





5 anos da Laudato Si': avanços e conquistas

A terceira edição do Papo em Rede de 2020, também realizado de forma virtual, fez parte das comemorações pelos 5 anos da Encíclica do Papa Francisco, a Laudato Si'. Realizado no dia 21 de maio, a atividade reuniu dezenas de participantes para avaliar os avanços e as conquistas do documento que apresenta um dos discursos mais fortes de Francisco e que, para muitos especialistas, pode ser o mais importante dos últimos 100 anos da Igreja.

Expositores

Igor Bastos, coordenador do Movimento Católico Global pelo Clima em países de língua portuguesa.

Moema Miranda, assessora da REPAM-Brasil.

PANDEMIA E PENTECOSTES: VINDE DIVINO ESPÍRITO LAUDATO SÍ, 5 ANOS!

ARTIGO | Moema Miranda

“Ó Ruah, costureira do tempo,
Tece-me com suas divinas mãos,
ata o todo de mim com seus sete dons
e dilata-me, me transborde para meus irmãos!

(Luis C. M de Queiroz

PJ da Paróquia NS do Carmo, Itaquera, SP)

Quem, como eu, estudou história no século passado, no distante século XX, aprendeu com os mestres a pensar em termos de “longa duração”¹. A História não como soma de eventos intermitentes e caóticos, mas como “ciclos longos”, que contém e explicam dinâmicas interconectadas de múltiplas dimensões. No ano de 2020, a História consolida

¹ A referência clássica é a excepcional obra de Fernad Braudel (1902/1985), historiador francês, diretor do Escola de Altos Estudos, de Paris.

seu giro para a outra ponta, a antípoda daquele pensar, e ganha uma aceleração impressionante. Mais ainda, a História dos homens e das mulheres, da “humanidade”, em sua infinita diversidade, e a da Terra, que naquele momento era entendida como simples cenário para o verdadeiro drama humano, criam uma comunhão imprevista². A aceleração gera um sentimento de precariedade das palavras, dos conceitos e das formas como compreendemos e damos sentido aos múltiplos eventos do cotidiano. É como se, de repente, nossas palavras e definições não dessem conta de explicar e dar sentido coerente ao que acontece. Especialmente no Brasil, onde vivemos um dos vórtices deste ciclone, as “notas públicas” caducam antes de serem publicadas; os artigos ficam velhos entre o tempo em

² Chakrabarty D. “O clima da história: quatro teses”, in Sopro91 jul/2013, <http://culturaebarbarie.org/sopro/n91.html>

que são digitados e o que são compartilhados. Na profética Encíclica Laudato Sí, o Papa Francisco chamou este fenômeno de “rapidização” (LS§18).

Certamente, a pandemia do Covid 19, a primeira pandemia global do século XXI, intensifica esta tendência. Por isto, dizemos que ela evidencia, revela e agudiza dinâmicas que já estavam em curso: a “complexa crise socioambiental”(LS§139), à qual o Papa se dedicou a pensar com tanta argúcia na Laudato Sí. A pandemia não é, portanto, um acidente de percurso. Prevista por vários epidemiologistas, ela é o resultado cumulativo de opções e ações que, na Encíclica, o Papa identifica como a “raiz humana da crise ecológica” (LS, cap.3).

Na semana de 16 a 24 de maio, em todo o mundo, comemoramos jubilosos os cinco anos deste que é, sem dúvida, um dos mais importantes documentos do Magistério da Igreja. Neste contexto, os tempos pandêmicos tornaram ainda mais claras tanto a identificação das causas quanto os percursos de saída propostos pelo Pontífice, caso queiramos tecer, trilhar, experimentar e perigrinar por caminhos não infernais, nos tempos que virão. Sabemos que, quando a pandemia passar, ainda estaremos em um mundo pandêmico. Os efeitos da crise e recessão econômicas serão de longo prazo. As questões ambientais – desmatamento, perda de biodiversidade e aquecimento global – seguirão produzindo acontecimentos mais ou menos catastróficos nos próximos anos. Diante destas considerações, muitas vezes nos sentimos sufocados. Sem ar. “Não consigo respirar”, o grito angustiante de George Flyde, jovem negro assassinado pela polícia nos Estados Unidos, em Minneapolis, parece ser o grito destes tempos: “clamor da terra e dos pobres” (LS§49). Não consigo respirar porque estou adoecido, porque estou ameaçado ou porque me sinto impotente em um mundo em profunda mutação!

Mas, estes tempos tão desconcertantes, são também apocalípticos: a revelação se faz de forma cada vez mais aberta e clara. Não há cinismo ou crueldade que permaneçam ocultos. Assim, no Brasil, na semana em que comemorávamos a Laudato Sí, assistimos estarecidos ao vídeo da reunião ministerial do governo brasileiro, acontecida dia 22 de abril. Deste evento tão revelador, muitas coisas poderiam ser destacadas para dar luz e concretude a processos de “divinização do mercado” (cf.LS§56), descritos e analisados na

Laudato Si! Acredito que os e as historiadores/as do presente e do futuro terão que examinar com muita atenção, contendo a náusea, aquele monumento de crueldade. Um dos ministros afirma que o governo deve “aproveitar o momento de relativa tranqüilidade da Covid (sic)”, para “passar a boiada” e “desregular” toda a legislação de proteção ambiental da Amazônia, a maior floresta do mundo! Ato seguinte, quando ainda não tínhamos nos recuperado, um conjunto de empresas – nacionais e internacionais – publica em jornais de grande circulação, seu apoio irrestrito ao ministro!

Quem de nós – “distraído” (cf.LS§56) - poderia ter imaginado que ao fazer um lanche inocente com os colegas em uma lanchonete conhecida em todo o país, ou ao alimentar seu gatinho, ao utilizar determinados cosméticos, ao comprar medicamentos ou fazer exercícios em uma academia estava ajudando a queimar a Amazônia? Quem saberia que ali estava o sangue de povos desterritorializados pelo desmatamento? Quem suporia no seu quibe o gosto amargo, e no seu perfume o cheiro fétido da queimada e o “clamor da Terra”(LS§49), a que o Papa escuta na Laudato Sí? Talvez ninguém e nenhum ou nenhuma de nós, consumidores. Mas agora, tudo está revelado: o “mercado divinizado” (LS§56) não tem alma! Não sofre, não chora, não sangra! Não se comove e não se importa com a dor, com a fome, com a destruição do planeta. É chocante saber, como publicou um importante instituto de pesquisa americano que em 10 semanas de epidemia, enquanto 40.7 milhões de pessoas ficavam desempregadas, os bilionários lucravam US 485 bilhões, aumentando em 16% sua fortuna . Estes dados nos revelam com clareza apocalíptica que o mercado, “divinizado”, não poderá encontrar solução para as dores e os clamores dos povos e, menos ainda, poderá considerar a Terra, “mãe que sustenta e governa”. Como antevia com lucidez o Papa: “Mais uma vez repito que convém evitar uma concepção mágica do mercado, que tende a pensar que os problemas se resolvem apenas com o crescimento dos lucros das empresas ou dos indivíduos. Será realista esperar que quem está obcecado com a maximização dos lucros se detenha a considerar os efeitos ambientais que deixará às próximas gerações?” (LS§190).

Diante de tanta luz e de tanta dor, como não desanimar? Na *Evangelii Gaudium* o Papa nos estimulava a cultivar a “alegria” em “tempos sombrios” (EG§2). Neste Pentecostes, ao celebrar os dons do Espírito e a promessa de que Ele nos acompanhará, queremos pedir à divina Ruah, lucidez e ternura. Sabemos que agora, como há dois mil anos, como cristãs e cristãos, o medo só poderá ser superado “porque muito amamos”. Uma vez mais, voltemos a nossas Galileias, re-encontremos os espaços amorosos das comunidades, onde acolhidos e acolhidas, geramos força nova para “rezar e resistir”, como estava consignado na camiseta de um jovem há poucos dias.

Pentecostes chegou com marchas anti-racistas surpreendentes em todos os estados dos EUA. A morte de George Flyde não foi em vão. Chegou, também, no Brasil, com crescentes movimentos de defesa da democracia, que se somam à notas do episcopado, aos protestos dos povos indígenas, das entidades de defesa dos direitos humanos, de juristas, cientistas, artistas! Não, não confiaremos ao “mercado divinizado” (L§46) a definição de nosso futuro! Não há neutralidade possível diante da morte. Inúmeros movimentos em defesa das florestas, de seus povos, da democracia anunciam sua chegada! Cuidado e solidariedade! Denúncia e anúncio. Cremos em um mundo em que cabem muitos mundos! Queremos uma “economia com alma”, com calma, com doçura e com cuidado. Queremos a floresta em pé e justiça para todos e todas! Não estamos sozinhos neste sonho de justiça e paz: “vinde, Pai dos pobres, dai aos corações vossos sete dons”! Amém!

